

## O GRABEN INVERTIDO DE PURUS

Joaquim Ribeiro Wanderley Filho<sup>1</sup><sup>1</sup> PETROBRAS

**RESUMO:** Arco de Purus é uma feição que separa a bacia do Amazonas da bacia do Solimões. Esta estrutura inicialmente se constituía em um dos vários grabens proterozóicos que cobria a plataforma pré-cambriana do cráton amazônico. Dos vários depósitos sedimentares abaixo das bacias paleozóicas amazônicas, alguns foram formalizados como formação Prainha (Almeida e Nogueira Filho, 1959) e Prosperança e Acari (Caputo et al., 1971). Durante os trabalhos de mapeamento do Projeto RADAMBRASIL (1978, 1979a) foram feitas tentativas de unificar a nomenclatura dessas coberturas pré-paleozóicas, porém, Montalvão et al. (1979), ao investigar as coberturas sedimentares das folhas Purus e Porto Velho, contestaram tais correlações e retomaram as antigas denominações. Montalvão et al. (1984) discriminaram tectonicamente estas bacias em dois grupos. O primeiro, formado no intervalo de 1,9 - 1,6 Ga, teria se desenvolvido em dois ou três estágios: um estágio de rifte, com adelgaçamento crustal, falhamentos, abatimento de blocos e manifestações magmáticas; um estágio de sinéclise; um estágio de subsidência lenta, restrito a algumas bacias e marcado por coberturas tabulares horizontais ou subhorizontais. O segundo grupo corresponde a grabens preenchidos por red beds desenvolvidos no intervalo 1,6 - 1,4 Ga, representado pelas formações Dardanelos, Prainha e Palmeiral. As seqüências supracitadas são identificadas na borda oeste do Arco de Purus preenchendo grabens, nos quais se observa discordância angular, estratos plano paralelos, feições de rochas vulcânicas e conglomerados amostrados recentemente por poços. Podem-se mapear nas seções sísmicas três sismossequências bem distintas e correlacioná-las aos estágios de rifte e fase termal. Os conglomerados amostrados por poços nessa região estão em fase de datação para poder melhor correlacioná-los com os que foram datados por Leite & Saes (2003). Ainda na região arco, ao se analisar o mapa gravimétrico percebe-se que ao longo das duas bacias há presença de máximos gravimétricos enquanto que, no arco tem-se um mínimo, -60mgals, que significa a presença de rochas de baixa densidade, o que torna inquestionável a presença de um graben na região que hoje corresponde a este arco. Trabalhos mais recentes, Leite & Saes, (2003) e Wanderley Fo & Travassos (2009) tentam fazer uma posicionamento geocronológico correlacionando datações Pb/Pb nos conglomerados no graben do Cachimbo com os conglomerados atravessados por poços na borda oeste do arco. Destas correlações podem-se inferir espessuras de até 10 km de rochas vulcanossedimentares abaixo da bacia. Já no paleozóico, a análise de mapas seções geológicas das bacias do Solimões e Amazonas mostra que a sedimentação no ordoviciano e siluriano ocorre em on lap sem atingir o arco. Do devoniano ao carbonífero os sedimentos chegaram próximo, mas somente no carbonífero superior é que ultrapassam unindo as duas bacias. Apesar de parecerem únicas, na região do arco a sedimentação é menor por esta ser uma área sempre mais alta estruturalmente. Ao observarmos o padrão de drenagem entre os rios Solimões e Negro, podemos identificar facilmente o arco mergulhando para sul do mesmo modo que nos afloramentos do Grupo Purus ao norte e sul da bacia do Amazonas.

**PALAVRAS-CHAVE:** GRABEN; PURUS; BACIA SOLIMÕES E AMAZONAS.